

TRIBUNA Livre

19
JANEIRO
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDIT. PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTONIO JOSE DA COSTA

PREZIDENTE DA REDACÇÃO: JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Redacção: LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR TEL. 54113 - AMARES

Comércio de Brasões FRIVOLIDADES

Va lá a gente compreender este mundo; o que ontem foi objectivo de desprezo, a que mesmo não foi alheio o sentimento do ódio, motivo de perseguição a velhas instituições, bem depressa esse estado de coisas se foi transformando profundamente e já hoje o culto da ciência da heraldica é bem notório e, até aqui, tanto melhor.

Viu-se apear rancorosamente as pedras de armas e

os escudos das fachadas arremoriadas dos velhos palácios, devastá-los a piceo como se voltasse-mos ao tempo dos brasões brancos da cavalaria andante, com o sentido e fim de que se apagasse tudo o que pudesse recordar grandezas e glórias do passado.

O caso agora é diferente, mas leva as mesmas voltas, quanto, para satisfazer caprichos de uma nobreza estulta, produz mais funestos resultados.

Entre Minho e Douro, repositório imenso de antiguidades e velharias, transformou-se desde há muito em vasto mercado em que se empunharam a fundo os especuladores de antiguidades.

Encontraram pasto nos recheios das muitas casas nobres atingidas pela decadência e ruína; nos objectos de arte, altares, colunas e capiteis, paramentos e alfaias, quadros e imagens das capelas particulares e dos mosteiros desmantelados. Braga tornou-se famoso centro febricitante deste comércio ruinoso para o património artístico nacional que se foi dispersando irremediavelmente.

Pouco ou nada havendo mais que vender ou que comprar, vão também agora as próprias pedras, até completar-se a devastação.

Na minha recente passagem por aí constou-me que estavam a entabolar-se negociações para a saída de três dessas tais pedras (que os próprios agentes nem sequer sabem chamar pelo nome) do concelho de Amares.

A sede do ouro, a ganância conduz a todos os atropelos e excessos. Bom será pedir-se a tempo todas as providências para que seja suficientemente acautelado o que resta do já então depauperado património artístico nacional.

D. M. da Silva

Por absoluta falta de espaço, não nos foi possível inserir no presente número todo o original dos nossos colaboradores, pelo que pedimos muita desculpa.

Em viagem ao Brasil

Os nossos ilustres amigos Ex. mos Senhores Cardoso Figueira, conceituado industrial de Caldelas, e Luiz Adolfo de Sousa, proprietário e gerente de Hotel, embarcaram no passado dia 15 para o Brasil, onde vão tratar de assuntos pessoais.

Desejamos que tenham óptima viagem a bordo do belo navio Vera Cruz e cá esperamos o seu regresso e a continuação da amizade que têm dedicado à "Tribuna Livre".

Cinco anos depois

Cinco longos anos! Como irei encontrá-la?

Porquê, só hoje, sinto quão dolorosa foi a nossa separação?

Cinco anos!...

Continuam bem gravadas no meu cérebro, as nossas últimas palavras trocadas à mesa do café — o mesmo onde agora a espero.

Fomos unânimes em concordar que era este o caminho que tínhamos a seguir. Longe nesse espaço de tempo, tentaríamos encontrar, apartados, a felicidade que juntos não alcançáramos. E agora, tantos meses decorridos, ansiosamente me interrogo:

— «Como estará ela?

— «Será, afinal, feliz?»

Faltam, apenas, dez minutos!
Virá?...

Oh!, sim. Não faltará! Seis horas da tarde.

Noto que um desconhecido, procurando identificar alguém com o olhar, se aproxima de mim perguntando o meu nome. Declinei-o e, silenciosamente, ele estendeu-me uma carta fechada, após o que se retirou.

Senti que o meu coração pulsava com tal violência que ameaçava estalar-me o peito.

Reconheci aquela letra — a "sua" letra!

Nervosa, mas lentamente, rasguei o sobrescrito e procurei a razão da terrível ansiedade de que se havia apoderado de mim, como se o meu pobre coração, cansado de sofrer em todos aqueles meses de cruel separação que a nós próprios impuseramos, adivinhasse que a minha tortura ainda não ti-

(Continua na 4.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

• • •

Entretanto, Nuno Alvares Pereira, que, de passagem por Coimbra, vinha a Lisboa, onde o mestre o chamava, trocaram-se impressões entre Gonçalo Mendes e o futuro condestável que já havia percorrido vitoriosamente o Alentejo e ganho a batalha dos Atoleiros.

Retirando-se Nuno Alvares com os seus companheiros de armas, o cronista refere, mais uma vez, as seguintes palavras do alcaide de Coimbra, Gonçalo Mendes de Vasconcelos:

«Espantado sou eu de que estes homens possam defender este reino contra o rei de Castela, que é um tamanho senhor, salvo se Deus anda por capitão deles.»

Mem Rodrigues e Rui Mendes de Vasconcelos, seus filhos, começam a entrar em acção e fazem frente aos primeiros capitães castelhanos, que, com sua gente de armas e o próprio rei, se aproximam de Lisboa.

Num combate junto do Lumiar, prendem o cavaleiro de Castela, João Ramires de Arelhano, reservado para morrer mais tarde, e quem sabe às mãos dos mesmos, no campo de Aljubarrota.

Durante o cerco de Lisboa pelos Castelhanos, foram os mesmos irmãos escolhidos para penhor e segurança das pessoas que o rei de Castela mandava a falar ao Mestre sobre assuntos do governo do Reino.

Entre outras coisas de que D. João I tomou conhecimento pelas cortes de Coimbra, e exprimiam o desejo dos bons portugueses, era que se rodeasse de bons e leais conselheiros.

O leal e austero fidalgo, Gonçalo Mendes de Vasconcelos, foi um dos eleitos.

E em testemunho de seus merecimentos, o Mestre de Avis, já proclamado rei nas referidas cortes, deu-lhe, bem como a seus dois filhos, outorgou aprovou e confirmou, para exemplo de outros, todos os privilégios, liberdades, foros e costumes que até ali tinham pelos reis seus antecessores.

Ordenando os oficiais da sua casa, nomeou Rui Mendes de Vasconcelos meirinho-mór de Entre Minho e Douro.

Decidindo-se D. João I a tomar a vila de Guimarães que tinha voz por Castela, entre outros arrojados cavaleiros, Rui Mendes de Vasconcelos leva a dianteira nos pri-

(Continua na 6.ª página)

O ANO CINEMATOGRAFICO

Ao fazermos o balanço do ano cinematográfico, evidentemente que nos referimos somente aos filmes que foram apresentados em Braga, entre Janeiro-Dezembro de 1956.

Queremos, antes de mais, agradecer às Empresas do Teatro Circo e S. Geraldo todas as atenções que nos dispensaram durante o decorrer do ano que findou, e muito especialmente eleger a atitude de colaboração que se dignaram oferecer-nos, pondo ao nosso dispor os documentos necessários para a elaboração deste trabalho. Sinceramente gratos, pois.

No ano de 1956 foram exibidas trezentas e quarenta e nove películas, num total de quinhentas e sessenta e três sessões.

O filme americano, como é óbvio, ocupa o primeiro lugar na escala do quantitativo, como facilmente se verifica ao indicarmos o número do produto de outras origens: italianos, 24; franceses, 16; espanhóis, 6; alemães, 6; mexicanos, 4; japo-

neses, 2; portugueses, 4 e austríacos, 1; ingleses, 8. Assim, foram apresentados duzentos e setenta e oito filmes americanos.

No numerário total das películas foram apresentadas: em cinemoscópio, 102; em vistavision, 18; em superscope, 7; em metroscope, 6; em stereocinescope, 1 e em filmscope, 1. Assim, foram vistos duzentos e catorze filmes em sistema normal.

Depois destes dados estatísticos, cumpre-nos especificar, no nível de valores, as películas seguintes: o cinema americano, usufruindo da vantagem em unidade e em técnica, chama a si; ainda, o maior número de bons filmes como: *Há Lodo no Cais, Bom Dia, Miss Dovel, Sementes de Violência, Conspiração do Silêncio, O Polhaço, Piquenique*, (o melhor filme em cinemoscópio), *Melodia Interrompida, A Colina da Saudade, Bem no Meu coração, A Rosa Tatuada, A Leste do Paraíso, O Homem que nunca existiu e Marty*.

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

VELHARIAS BRACARENSES

Reimpressão de «Os Reis Magos» (canção), de Campos Lima

Por Cândido de Sousa

Ao Ex. mo e Rev. mo Monsenhor Moreira das Neves (e em memória do P. e Silva Gonçalves, de quem é afilhado), único nome indicado para figurar nesta página, visto o exemplar de que me servi para esta reimpressão ter uma dedicatória autografada a seu padrinho, do próprio autor, padrinho tão estimado como se vê da dedicatória com que autografou o livro *Antônio Corrêa de Oliveira—subsídios para um estudo sobre o poeta*, oferecido em 1934: *Ao sempre querido Padrinho (...) afilhado sempre am.º e obg.º*

Dedico este singelo trabalho

Cândido de Sousa

De 16 a 19 de Setembro de 1954, publiquei no *Correio do Minho*, de Braga, quatro artigos subordinados ao título *Jornais e Jornalistas Bracarenses*, que ficaram incompletos por ter deixado de colaborar nesse jornal.

A figura central desses artigos era Campos Lima—Dr. João Evangelista Campos Lima—poeta, romancista, escritor teatral, jornalista e crítico que exercia, com brilhantismo, advocacia na capital e ainda conseguia tempo para traduzir várias obras de escritores consagrados.

Por casualidade encontrava-se, nesse mês, de passagem nesta cidade, tendo eu essa oportunidade única de dever-lhe a gentileza de me autografar, com amáveis dedicatórias, os livros que dele possuía.

Mal diríamos que ele viria a falecer pouco depois.

Esses artigos eram endereçados ao P. e João Carlos Alves Vieira, esclarecendo uma sua observação no artigo que escrevera em 9 desse mês, sob o mesmo título e no referido jornal.

De então para cá, diversos livros tenho adquirido, mercê de uma sorte extraordinária graças à qual muitos exemplares ardentemente desejados me têm vindo parar às mãos, uns pelas buscas a que me tenho dedicado nesse sentido, outros favorecido pela tal sorte, acaso ou como lhe queiram chamar e que há muitos anos me tem acompanhado, no que respeita à minha biblioteca.

O núcleo bracarense, por exemplo, tem aumentado consideravelmente e, desse modo vou preencheddo as lacunas que existiam nas minhas estantes.

Dizia eu, no artigo de 17/9/1954: «Aos volumes do «Alma Rubra» segue-se, na ordem cronológica, «Os Reis Magos» (1900), que nunca me passou pelas mãos.»

Entre os três ou quatro que eu adquiri posteriormente à publicação daqueles meus artigos,—e que me faltavam—este é um deles.

Trata-se de um pequeno opúsculo que compreende duas páginas inumeradas, an-

te-rosto, frontispício, dedicatória (impresa) e cinco páginas com a poesia (a última está em branco—a sexta).

No alto da página onde principiam os versos (a sétima), vê-se uma gravurinha de motivos campestres, onde também figuram duas andorinhas na atitude de poisarem numa relva de flores do prado.

O folheto (sem capas de brochura que foram criminosamente arrancadas para o encadernarem numa valiosa miscelânea de curiosidades bibliográficas bracarenses) tem a simples indicação de *Braga—1900* (portanto edição do autor), mas foi impresso na *Tipp. Minerva—Famalicão*, onde eram impressos muitos livros dessa época.

A páginas cinco vinha a dedicatória: *Ao meu amigo/Ma-*

nuel Faria Carvalho/Recordação d'uma noite de Reis.

Este trabalho apareceu em Janeiro de 1900, oferecendo-o o autor aos íntimos com votos de Boas-Festas, o que se depreende da dedicatória autografa: *Ao A. Silva Gonçalves, com as boas-festas, off. ce Campos Lima—Jan. de 1900.*

Oferta de um poeta a outro poeta—dois adversários que, se publicamente tinham os seus atritos, no íntimo continuavam unidos pela velha amizade que os ligava antes de Silva Gonçalves trocar o liceu pelo seminário, como já disse nos artigos acima citados e que esta nova dedicatória vem confirmar—esta e outra num exemplar do *Nova Crença*, do mesmo Campos Lima e que por agora não transcrevo.

Fica para quando eu escrever sobre esse cujos trabalhos foram assinados com vários nomes (usou até um pseudónimo—não sabiam?) e mais tarde assentou, em definitivo no de P. e Silva Gonçalves, autor, entre outros livros, do «Lutas do Espírito e da Carne»

(Continua na 4.ª página)

Os Reis Magos

(Canção)

Vóz:

Noite de Reis, irrompem no ar
Ternos descantos e serenadas...
Que bella noite para cantar
Sob as janellas das bem-amadas!

Côro:

Gargantas soltas, bôccas hiantes,
Cantêmos todos a infinda dôr
Das nossas doidas almas de amantes,
Cantêmos todos canções de amôr.

Vóz:

Sanctos Reis Magos, corações crenes,
Almas fadadas p'ra os sonhos de oiro...
Também nós temos nos olhos quentes
O olhar do vosso menino loiro.

Côro:

Jesus ainda quando creança
Foi pelas nossas velhas avós
Pôr-lhes nos olhos o olhar da esp'rança
E esse olhar doce veiu até nós.

Vóz:

Sanctos coroados, de fronte pura!
Ai, nós que vamos para o Noivado
Somos Reis Magos indo à procura
Do bello sonho d'um lar doirado.

Côro:

Lindo presépio de côr de rosal
O que buscamos, que luz, que brilhos:
Os braços d'uma fiel esposa,
Os beijos dôces dos nossos filhos!

Vóz:

Para cantar-nos venham poetas,
Tragam lyra, tragam o plectro...
E vós, o Reis, de faces erectas,
Dae-nos o vosso radiante sceptro.

Côro:

Tirae a c'roa da fronte bella,
Despi o rico manto de arminho:
Também nós temos luzente estrella
A allumiar-nos pelo caminho.

Vóz:

Vamos na vida lá para os sonhos
Como os Reis foram para Jesus:
Nos nossos peitos andam risinhos
E delirantes mundos de luz.

Côro:

Que Reis tam lindos que nós dariamos
Se nos fadasse Nosso Senhôr!
Amando sempre, todos fariamos
Dos nossos reinos reinos de amôr.

Vóz:

Más, na romagem para a Ventura
Em que nós vamos todos os dias,
Às vezes anda-nos a Amargura
A pôr um crepe nas alegrias.

Côro:

O amôr, que é sonho, tem pesadêlos:
Loiras formosas, lindas morênas,
Vós que nos daes os risos mais bellos
Também nos daes as maiores penas!

Vóz:

Porém no fundo d'um desprazer
Póde-se mesmo a ventura achar:
Ai quem nos dera poder morrer,
Se nos matasse a luz d'um olhar!

Côro:

Morte de amôres, quem no'—la dá?!
A morte, o Nada, por caridade!
Talvez que fosse,—quem sabe lá?—
A verdadeira felicidade.

Vóz:

Que a vossa noite, Reis do Oriente,
Se sois felizes nas sepulturas,
Possa trazer-nos à alma ardente
Para o futuro muitas venturas!

Côro:

Noites dos Magos, morrem no ar
Ultimas notas das serenadas...
Nós nem já temos voz p'ra cantar
Sob as janellas das bem-amadas.

Braga 1900

Campos Lima

TRIBUNA do CONCELHO

Ainda sobre o cortejo de Caldelas

Dum estimado assinante da freguesia de Caldelas, recebemos a seguinte carta que gostosamente publicamos:

Ex.mo Senhor Director:
No último número desse jornal, foi publicada uma reportagem do cortejo efectuada nesta freguesia em benefício da Igreja Matriz.

Nessa reportagem houve o cuidado de salientar a contribuição de certos lugares deixando, talvez de propósito, sem enumerar outros que tão generosamente se comportaram.

A Avenida, o lugar da Igreja, os lugares de Passos e Pereira, concluídos pelo con-

junto do centro, apresentaram-se muito dignamente, talvez até sem confronto.

O seu carro principal, além do valor, impressionou pela beleza da sua inspiração, tanto que na notícia foi mencionado mas não se disse os lugares a que pertencia.

A nossa intenção é dar louvor a todos, pois todos ajudaram a que essa manifestação fosse grande; pedindo a publicação desta tem-se exposto a verdade, o que é nossa intenção.

CALDELAS Povo da minha Terra

Gloriosa jornada a nossa, de amor a Jesus Cristo!

Trabalhar para a igreja da paróquia onde nascemos ou vivemos, é o mesmo que capitalizar a favor das nossas almas.

Pobres ou ricos, dê, cada um o que puder dar, porque, um nada que seja, nenhum dos homens é capaz de avaliar o quanto de valioso é à vista de Deus!

O lugar de Real, que eu represento, marca a sua posição neste cortejo de oferendas, como, aliás, marcaria sempre, quando a consciência nos ditar e os condutores de almas nos disserem que assim deve ser.

O que significam as nossas dádivas? — Que perfilhamos integralmente os ensinamentos do nosso querido Abade, e nele o de Jesus.

Caldelas, aonde tantos nosos vem buscar a saúde para o corpo. Caldelas, bafejada amorosamente pela natureza caprichosa — pois tantos são os atrativos do seu pitoresco. Caldelas, enamorada de inúmeros portugueses que a visitam, ou por necessidade ou por devoção. Caldelas traduz hoje, num gesto colectivo, que e Católica.

E ser Católico é afirmar publicamente que, repudiando os erros, pugnamos pelo triunfo da Causa de Cristo.

Viva o Papa.

Viva o Sr. Padre João.

Viva Caldelas.

Pelo Tribunal Judicial

JULGAMENTOS

No dia 14 de Janeiro corrente responderam no Tribunal deste Julgado:

— Armino Pinheiro Rodrigues "O Bonitinho", solteiro, jornalista, de Caires, acusado do crime de furto. Ficou condenado em 8 dias de prisão e demais acréscimos da lei, pena

essa suspensa por dois anos, atenta a confissão espontânea do crime e a sua menoridade dos 21 anos;

— Artur Peixoto, solteiro, polidor, de Ferreiros, acusado do crime de desobediência à autoridade. Não se provou essa desobediência, motivo porque foi absolvido;

— Esmeraldo Augusto Ribeiro Barreiros, de Bouro (Santa Maria) e actualmente ausente em África. Respondeu à revelia e era acusado de atentado ao pudor. Foi absolvido.

— Domingos da Rocha, casado, de Ferreiros, acusado de um seu animal de raça canina haver danificado as calças de João Joaquim Pereira — absolvido.

— Luiz José Rodrigues, solteiro, de Fiscal, acusado de burla num negócio de cerejas — absolvido.

— Maria Dias, Maria de Oliveira e Olinda de Oliveira, de Barreiros, acusadas de ofensas corporais voluntárias (agredindo-se mutuamente).

Foram todas condenadas, sendo a pena da Maria Dias suspensa por dois anos.

Distribuição Judicial

Inventários orfanológicos

Em 3 de Janeiro — por óbito de António Joaquim da Silva, que foi de Goães;

Em 10 de Janeiro — por óbito de Glória Vieira, casada, que foi da Bornaria-Ferreiros;

Em 10 de Janeiro — por óbito de Maria Teresa de Sousa, solteira, que foi do lugar de Chelo-Dornelas;

Na mesma data — por óbito de Francisco Zeferino Fernandes, que foi do lugar da Pereira-Santa Marta;

Na mesma data — Por morte de Augusto José Machado, casado, que foi do lugar do Outeiro-Ferreiros;

Na mesma data — por óbito de Manuel Dias, casado, que foi do lugar do Carvalho-Parades Secas;

Na mesma data — por faleci-

mento de Guilhermina da Costa Soares, viúva, que foi de São Fins-Rendufe;

E ainda na mesma data — por morte de Emília Rosa Dias, viúva, que foi do Soalheiro-Bouro, todos deste Julgado de Amares.

Ações Sumaríssimas

Em 8 de Janeiro — 1) contra Arlindo da Costa e mulher, de Felgueiras-Santa Marta;

2) Gualdino Gomes Pereira e mulher, do lugar do Castanheiro, da mesma freguesia;

A favor dos mártires da Hungria

A comissão encarregada de conseguir donativos para os mártires da Hungria, arrecadou mais as seguintes quantias:

S. V. do Bico	135\$ e roupa;
Lago	175\$00
Prozelo	540\$00

Estes donativos já foram entregues na sede da Caritas, em Braga, e a comissão espera novos auxílios para aquele povo brutalmente tratado.

Vida elegante

Aniversários

Domingo — O Sr. José Aureliano da Silva Pereira;

Terça-feira — O Sr. Virgínio António Maria da Silva Briote;

Sexta-feira — O Sr. Augusto Barros Azevedo;

Sábado — O Sr. António Geraldino dos Santos Menezes.

Salvé dia 20-I-57

Colhe no próximo dia 20 do corrente a sua 16.ª flor das suas risónhas primaveras, a gentil menina Maria Eduarda Mesquita Araújo, filha querida da Sra. Dra. Luiza Maria de Araújo Mesquita e do Sr. Eng. José Pinto de Mesquita, residentes no Porto.

Por tão faustosa data, a sua tia residente em Amares, envia-lhe os seus sinceros parabens com votos de muitas felicidades.

O aniversário da Sra. D. Isabel Barbosa de Macedo

Passou, no dia 16 do corrente, o aniversário desta distinta senhora.

Por esse motivo foi servido em sua casa de residência um «copo d'água» que juntou cerca de 3 dezenas de convivas.

A aniversariante, que nonosso meio goza da maior estima, foi muito felicitada; a essas felicitações juntamos as nossas com o desejo de longa vida e muita saúde.

Lago

Agrediram-se mutuamente, Delfina Josefa Rosa de Macedo, solteira, residente no lugar da Ribeira, desta freguesia e Maria Narcisa Veloso Correia, casada, doméstica, residente no mesmo lugar e freguesia.

Desta luta, ficou ferida a Delfina com algumas contusões no rosto, em virtude de ter sido agredida com um tamanco.

Bouro

Por lhe ter cortado três árvores, apresentou queixa no Posto da G.N.R. deste concelho, Abilio de Jesus Marques, casado, jornalista, residente no lugar de Dornas, desta freguesia, contra Francisco Alves da Quinta Gomes, casado carpinteiro, residente no lugar do Adigueiro, também desta freguesia.

O arguido é ainda acusado de ter espancado uma irmã do Abilio, a qual é demente.

Amares

O desporto local em progresso

O campo de jogos Luis Calheiros de Abreu, acaba de receber importantes melhoramentos.

Merecem especial citação a vedação do rectângulo, para a qual contribuiu o Sr. Domingos José Dias com a oferta de 4 pilares, e o Sr. Eusébio Exposto com vários barotes de madeira, a reconstrução do balneário e a canalização para o mesmo.

Dentro em breve, as balizas receberão importantes melhoramentos e está em projecto a adaptação no balneário de uma instalação moderna para casa de banho.

Com os melhoramentos já recebidas estão de parabens os membros bairristas da Direcção do popular agrupamento «Os Leões d'A Modelar»

A. Jota

Novas construções

Junto à escola oficial de Ferreiros, portanto ao entrar do Largo do Dr. Oliveira Salazar, iniciaram-se a construção de duas novas residências que, segundo nos consta, serão parecidas com a que ali foi edificada há meses.

Uma das construções está agora embargada por ordem da Câmara — ainda dizem que ali se não trabalha!

Por vezes faz-se da lei «gato sapato», mas quando convém...

Entretanto felicitamos os que, enfrentando as dificuldades que lhes opõem, continuam a fazer progredir esta terra. Nós temos fé de poder anunciar em breve novas construções, nosso prazer insaciável.

Que ao menos a primavera, no seu perfume inimitável, nos faça esquecer este inverno de tristezas.

Novos assinantes

Pelo nosso estimado correspondente em Paradela do Rio, Sr. Bernardino Ribeiro, foi-nos indicado para novo assinante o Sr. Heitor Ernesto de Castro, actualmente em S. Paulo, Brasil. Enviamos-lhes os números que pede e gostaríamos de saber se a assinatura é por avião.

Pelo Sr. Domingos da Silva, digmo. autor da Monografia do nosso Concelho, foi-nos indicado o Sr. Delfim Manuel do Rego Freitas, de Rendufe deste Concelho.

Pelo nosso estimado assinante Sr. Arnaldo Dias, residente em Lisboa, foi-nos indicado para novo assinante o Sr. António Malheiro Fernandes, residente, também, em Lisboa.

Agradecemos a todos a amabilidade de nos ter indicado novos assinantes, pelo que ficamos muito reconhecidos.

HUMORISMO

Num luxuoso restaurante

— Não lhe dá prejuizo a orquesta que contratou para tocar durante as refeições?

Gerente: — Absolutamente não: os que gostam de música deixam de comer para ouvir, e os que não gostam dela perdem o apetite.

O pregador e o bêbado

Achando-se um bêbado numa igreja, e ao pé do púlpito, na ocasião em que certo religioso estava pregando, principiou a analisar o sermão dizendo muito alto: — Estas palavras são de Santo Agostinho.

Dali a pedaço tornava:

— Isto é o evangelho de S. Marcos.

Pouco depois: — Aquilo é do sábio Salomão.

La, continuando assim quando o pregador já enfatiado de o ouvir, lhe gritou:

— Cala-te, bêbado!..

Este respondeu prontamente, apontando para o padre: — Isto agora é dele!..

O criado enganou-se

Um médico envia uma caixa de pílulas a um enfermo e meia dúzia de galinhas a um amigo.

O criado engana-se e entrega as galinhas ao enfermo e ao amigo as pílulas.

O paciente fica estupefacto quando juntamente com as galinhas recebe a instrução seguinte:

«Para tomar duas de meia em meia hora»..

O ANO CINEMATOGRAFICO

(Continuação da 1.ª página)

e *Marty*. Melhor filme americano, *MARTY*. As melhores interpétrações couberam a Van Johnson no filme *A Última vez que vi Paris*, a Glenn Ford em *Melodia interrompida*, ea Jennifer Jones, em *Bom dia, Miss Dove!*

Dos filmes italianos, apenas seleccionamos: *A Estrada*, de Fellini, e *Camilla*, de Emer.

O cinema francês, com *O Amor duma Mulher*, *Dossier Negro*, e os *Orgulhosos*, guindou-se a notável plano no capítulo da direcção.

Outros bons filmes: *Jovens Amantes*, inglês, *A Morte dum Ciclista*, espanhol, *O Anjo Mudo*, alemão e *O Grande Pandego*, mexicano.

Dramas, aventuras, musicais, comédias. Dificil distinguir, entre as películas que vimos, qual a melhor e a pior. *Os Homens preferem as Morenas* foi, possivelmente, o pior filme que vimos. Para a lista negra ainda podíamos mandar: *A Carga dos fuzileiros*, todos os filmes de Eddie Constantine (por nada representarem no problema cinematográfico), *Morena Clara*, *A Favorita de Jupiter*, etc.

A dificuldade deste nosso trabalho está na selecção. Mas duma maneira geral temos que concluir que a arte cinematográfica, no saldo último, encontra ao seu dispor eloquente índice de valor e qualidade, na medida em que as indústrias respectivas se vão orientando pelo melhor caminho, como se está verificando na Europa,—em Espanha e Itália, especialmente. A concorrência ao cinema americano está na ordem do dia; porém, temos que aceitar, por evidente, uma subida de notável qualidade neste cinema, que está produzindo obras, e muitas, de

real categoria, como temos ocasião de ver nas programações do presente ano.

O ano cinematográfico que findou otereceu-nos, ainda, como nota de relevo, o prosseguimento dos trabalhos culturais do Clube de Cinema de Braga, manifestação essa que mantém, em actividade, os espiritos cultos da nossa terra. Tem sido necessário muito boavontade e muito esforço para que a nobre missão do Clube de Cinema de Braga seja por todo o bracarense, não só compeendida, mas também sentida a ponto de podermos elevar o grau cultural do espectador—ainda o mais comum e, de certo modo, desinteressado dos reais valores do Cinema cuja importância e influência se impõem na vida de todos nós.

Joaquim Monteiro (Jorge)

Ares de Paradela do Rio

(Continuação da 6.ª página)

quer parecer isto vai dar baralhada.

Se isto persistir, e atentas as baralhadas internacionais, acaba por ser criada uma agência internacional de *cangalheiros* (que até substitua com vantagem essas inúmeras e desvalorizadas Assembleias e esses Pactos de letra...) e depois os portugueses, para encomendar uma urna, só mandavam este telegrama: — «Coitadol!»... «c'est la vie!».

Certamente que só com isto, com este vazio de frase, e mais a medida e direcção... na volta do correio vinha a conta, e a urna estaria a horas!...

E por hoje só «Diz» isto a voz de Paradela do Rio, Janeiro de 1957

Bernardino Ribeiro

O risonho Concelho de Amares

Onde nasci e me criei
O berço onde eu dormi
Que jamais esquecerei.

Em Santa Marta de Bouro.
Nasceram e vivem meus pais,
A quem eu tanto adoro
Penso que não há iguias.

Bouro Santa Maria
Aonde eu sem saber
Numa escola improvisada
Aí aprendi a ler.

Também não posso esquecer
Onde foi baptizado
Em Santa Marta de Bouro
Que por algém foi amado.

Não a posso esquecer
A minha terra Natal
Ainda que seja pequenina
Julgo não haver igual.

Abílio J. de Freitas

Reimpressão de Os Reis Magos

(Continuação da 2.ª página)

e que foi padrinho do Ex.mo e Rev.mo Monsenhor Moreira das Neves, também escritor e ainda vivo, felizmente para as nossas letras.

Não é inoportuno frisar, aqui, mais uma vez:

Campos Lima nasceu em Setembro de 1877 (disse-me ele próprio quando esteve em Braga,—segunda quinzena de Setembro de 1954—só não me revelou o dia, por estar presente o seu velho amigo e condiscipulo Dr. José Justino de Amorim, em cuja casa se encontrava de visita, ali em Lamações, para evitar despedas com a festa de aniversário; essa data, porém, pode lêr-se nos jornais que noticiaram o seu falecimento) e não em 1887, como sempre se tem escrito.

Portanto publicou o seu primeiro livro, *Retalhos do Coração*, aos 20 anos e não aos 10, como erradamente escreve Henrique Perdigão no seu *Dicionário de Literatura*.

E nasceu no Porto e não em Barcelos, como também se pensava e se escreveu. Para essa cidade foi levado com dois anos e aí viveu com a família até vir frequentar o liceu de Braga. Em Barcelos passava as suas férias, seguindo, mais tarde para Coimbra a completar os estudos e, tendo completado a sua formatura, fixou-se em Lisboa como advogado.

O que foi a sua carreira, desde essa data até ao seu falecimento, é do conhecimento de todos.

Reproduzindo esta velha, mas sempre linda, *canção* de há cincoenta e sete anos, tal como então fez o seu autor endereço-a, de todo o coração aos meus leitores, como brinde Natal e Ano-Novo.

Braga, Dia de Reis-1957

Cândido de Sousa

De Vila Verde

(Continuação da 6.ª página)

«Espaldadelas ao ar
Para melhorar o linho.
Raparigas a cantar
Em todos os pontos do Minho!»

Quando nos fala da emigração das andorinhas:

«Lá se vão, sem mais espera,
Em seu vôo triunfal.
Dizem adeus a PORTUGAL
Até à próxima Primavera!»

Deum humorismo e sarcasmo ferinos, quando descreve em versos a história de sua apregoada fortuna:

«Tenho uma navalha
Muito sabida.
Que comigo trabalha
Há muito de bandida.
Mas, para a arrelhar,
Vinte vezes o passo
No mesmo lugar!»

Aqui fica essa pequena amostra do caderno de trovas desse benquisto e inspirado Vila Verdense que a bisbilhotice do reporter de «O MUNDO PORTUGUÊS» transcreve agora para a delícia de seus leitores, revelando, também, que o seu autor, apesar dos muitos janeiros, é um minhoto em cujo coração vive sempre acêsa a lâmpada da saudade e do amor pelo seu querido PORTUGAL.

D.

CONDIÇÕES de Assinaturas

(pagamento adiantado)

Continente e Ilhas

Semestre . . . 25\$00
Ano 50\$00

Ultramar e Brasil

(Por avião)

Semestre . . . 91\$00
Ano 182\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 40\$00
Ano 80\$00

Estrangeiro

(Por avião)

Semestre . . . 115\$00
Ano 230\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 60\$00
Ano 120\$00

Frivolidades

I

Cinco anos depois

(Continuação da 1.ª página)

nha chegado ao seu termo.

Ah! Aquelas palavras!..

As suas ultimas palavras!

Levantei os olhos, humedecidos pelas lágrimas, da folha de papel que, como a mesa, parecia dansar à minha volta.

Alguns segundos mais... voltei a olhá-la... e como um autómato li o resto:

...«Sim, querido, quando receberes esta, minha carta, estarei gelada, já fria. Muito fria...»

«Porém, ouvirei ainda a tua voz, essa tua voz de ardentes e ternas inflexões, mormorando docemente:

«Adoro-te, meu amor!»

* * *

O empregado que me servia olhava-me estupefacto.

Era-lhe impossível compreender por que razão fitei o céu acinzentado desse nebuloso dia, num soluço de mal premedidas lágrimas, repetindo em êxtase:

—Adoro-te, meu amor!

Natal de 1956

Rocha Macedo

ALFAIATARIA LONDON

DE

Américo Raúl Pereira

Confecção de fatos para homem, senhora, creança e eclesiásticos, pelos melhores figurinos nacionais e estrangeiros.

Pessoal devidamente especializado

Largo D. Oliveira Salazar

Amares

ALFAIATARIA "BELCORTE"

DE

José Eduardo Macedo Gonçalves

Confeciona fatos para HOMEM, SENHORA e CRIANÇA CORTE ESMERADO e ÓPTIMOS ACABAMENTOS

PREÇOS MÓDICOS

Não se esqueça: ALFAIATARIA "BELCORTE",

LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR — AMARES

ALFAIATARIA CENTRAL

DE

Américo Raúl Pereira

Confecção de fatos para homem, senhora, creança e eclesiásticos, pelos melhores figurinos nacionais e estrangeiros.

Pessoal devidamente especializado

Largo D. Gualdim Pais

Telef. p. f. 62120

Amares

Tribuna Desportiva

Campeonato Corporativo da F.N.A.T.

Casa do Povo da Feira-Nova—4

Casa do Povo de Merelim—2

Jogo presenciado por regular assistência, com início às 15 horas, do passado Domingo, no campo de jogos «Calheiros de Abreu».

Sob a arbitragem do Juiz de campo Snr. Macedo, da comissão da F.N.A.T. os grupos alinharam.

Feira - Nova: — Herculano; Silva, Jaime (cap.) e Veloso; Pereira e Gonçalves; Ramiro, Dourado, Raul, Peixoto e Luiz Merelim.

Merelim: — Correia; Batista Nunes e Santos; Monteiro e Policarpo, Feliciano, Correia, Brandão, Cunha e Anjos.

O intervalo chegou com a Feira-Nova a vencer por 3-1, com golos marcados por Dourado aos 24 minutos, Raul aos 30, Pereira aos 38 e pelo Merelim o golo foi marcado por Correia, aos 42 minutos.

Durante este período, os locais exerceram intenso domínio, no qual tiveram acção preponderante o interior Dourado, o médio Pereira e o defesa central Jaime.

Na segunda parte marcou-se um golo para cada lado; Cunha numa jogada confusa apontou o de Merelim, e de grande penalidade, o Pereira apontou o do Feira Nova.

Dos visitantes Cunha destacou-se, cotando-se como o seu melhor elemento; seguiu-

ram-se Feliciano, Brandão e Pelicarp.

Os vencedores actuaram dentro da sua bitola habitual. O guarda redes novamente a ganhar confiança; a defesa segura onde actuou com muito acerto, o estreante Silva, e a orientação de Jaime que parece querer voltar à forma que o celebrizou; Veloso seguiu.

Nos médios, Pereira destacou-se a alto nível e Gonçalves como estreante destoou.

Na avançada os méritos vão para o trio Dourado, Raul e Peixoto, que desenharam jogadas de bom recorte técnico, parecendo-nos que o comandante do ataque, depois de um interregno na prática do desporto rei, ainda não perdeu a sua principal arma: o remate.

Dourado, como sempre, é a figura principal do prélio.

Os extremos cumpriram. Ramiro muito fogoso, foi prejudicado na primeira parte pelo pouco jogo passado para a extrema direita, cumpriu razoavelmente na segunda parte.

Luiz, está em nítida baixa de forma, parecendo-nos que fará melhor se quizer.

A arbitragem foi imparcial. Parabens ao juiz da par-

A F. N. A. T., os castigos e os árbitros

No primeiro jogo do campeonato corporativo, feito entre nós, a arbitragem conduziu a um estado de espírito que originou a que o jogo acabasse antes do tempo e, daí, a que fossem castigados vários jogadores.

No intervalo, pessoas de bem e dirigentes do desporto local, dirigiram-se ao árbitro e pediram a identificação de certo jogador por motivos óbvios que aqui se não mencionam para não causar prejuizos a terceiros.

O árbitro não atendeu, foi incompreensivo e menos inteligente e gerou o estado de espírito que, aliado à sua má arbitragem, havia de causar o triste espectáculo.

Então a F.N.A.T., que não se esforçou em saber a origem, castigou duramente.

Agora, realizados mais dois jogos, os árbitros e delegados sentem-se surpreendidos com tanta disciplina e cortezia deportiva dos locais.

A F.N.A.T. para fazer justiça, dado que esta lhe deve interessar sobremaneira, deveria rectificar a sua atitude.

Gesto lindo, seria um incentivo merecido para os que querem o desporto, só desporto.

tida, a qual repetiu a exibição do último domingo em Tadim.

Nos outros, jogos o Prado foi empatar a Real por 1-1, e a V. A. M. no seu ambiente venceu o Tadim por 2-1.

Após a terceira jornada fi-

Notas de reportagem do Jogo Gil Vicente-Sporting de Braga

Assistimos, no passado domingo, ao jogo entre as equipas do Gil Vicente e do Sporting de Braga.

Como era de esperar ocorreu ao «Campo Ribeiro Novo» uma forte falange de apoio de desportistas bracarenses devido o jogo ser quase decisivo para a sua equipa.

O encontro principiou com a equipa de Braga ao ataque, o que originou que ao 20.º minuto marcasse o 1.º golo e único da partida, por intermédio de centro avançado Velez.

Dois remates, ambos de Jorge Mendonça, cada um espectacular e belo, foram esbarrar na barra e seguiram para fora.

O Gil Vicente sentiu-se inferior e foi dominado, mas surgido o intervalo regressou

assim ordenada a classificação geral:

- 1.º Prado—8 pontos
- 2.º Real—7 pontos
- 3.º Tadim—6 pontos
- 4.º Feira Nova—5 pontos
- 5.º Merelim—5 pontos
- 6.º V. A. M.—5 pontos

No próximo Domingo os jogos são os seguintes:

- Tadim—Prado
- Merelim—V. A. M.
- Feira Nova—Real

Este último terá início às 10,30 horas no campo de jogos Calheiros de Abreu, por acordo entre os dois clubes.

A. Jota

decidido e combativo, pertencendo-lhe o principal domínio.

Em face dele teve certos momentos em que esteve perto de marcar e beneficiou duma grande penalidade que Cesário defendeu, evitando que as suas redes fossem alvejadas.

Gostamos do Gil Vicente que mostrou boa preparação física e combatividade replicando aos bracarenses que fizeram uma primeira parte brilhante podendo ter chegado ao intervalo a vencer por 3 a 0, se a sorte os tivesse beneficiado nos dois remates imparáveis de Jorge Mendonça, que a trave devolveu.

A vitória ajusta-se ao trabalho dos homens de Braga, porquanto toda a equipa se esforçou unânimemente para alcançar o triunfo, com especial relêvo de Cesário e José Maria II.

O grupo gilista actuou em bom plano, mostrando, possuir elementos de valor, o que aliás tem demonstrado no presente campeonato pela sua regularidade, ocupando um dos lugares de destaque na tabela da classificação geral.

A arbitragem do senhor Joaquim Campos, podemos considerá-la boa, pondo sempre em evidência a sua alta categoria, fazendo deste modo com que a partida tivesse decorrido a satisfazer os simpatizantes dos dois clubes.

Folhetim da "Tribuna Livre,, 4

SEMPRE NOIVOS

(Recordação do Minho—Usos e costumes)

Por Porfírio de Sousa

—Pelo contrário... a nossa vida em comum seria um verdadeiro inferno em constante labareda...

—Porquê?

—Ora, porquê!

Conquanto você seja bom rapaz não o amo e um casamento que não seja ditado pelo amor está irremediavelmente condenado para os dois.

Fique sabendo, se é que ainda o não sabe, que a mulher quando ama faz todos os sacrifícios com prazer para perseverar o seu amor, para conquistar o homem que lhe impressionou os sentidos, que lhe alvoroçou o coração...

—Perante tão aplogéticas afirmações, está tudo acabado entre nós..

—Acabado, não; pois não pode acabar...

—Pronuncie, pronuncie, depressa, essa luminosa esperança!

—Uma coisa que não principiou...

—Que prazer insaciável você tem de resolver a chaga que abriu...

—Está enganado; você não ama quem quer, mas quem o seu coração escolheu!

—E escolheu-a a si...

—E eu estou, também, sob a mesma alçada dessa lei imutável!

—Tem razão, Maria Teresa!

Só agora compreendi!

—Então despedimo-nos como amigos!

—Sim, como amigos, e creia que o serei sempre!

—E eu também.

E Venâncio de Almeida e Maria Teresa estenderam lealmente as mãos como amigos, como bons camaradas.

O filho mais novo de Policarpo do Outeiro, o único solteiro, o José, quando chegou à idade, foi para a tropa, para Lisboa, e ali se conser-

vou durante três anos.

Depois de regressar, com a cabeça povoada de sonhos, pensou em casar.

Conquanto os pais lhe pedissem para ficar em casa, para os auxiliar nos trabalhos da lavoura, o rapaz, com evasivas, não lhes disse que sim nem que não.

Os tempos rodaram e um dia resolveu casar-se e arrendar, por sua vez, uma quinta onde trabalhasse por conta própria.

E nas suas congeminações pensava:

—O homem que constitui o seu lar deve ser o chefe da sua própria casa para a dirigir conforme as circunstâncias o aconselharem e como lhe aprouver.

O que posso fazer—e faço-o com todo o gosto—é levar os meus pais comigo, depois de entregarem as terras ao senhorio, pois já estão cheios de trabalhar e, por isso, bastante cansados.

Sim! Estou a parafusar nestas coisas, mas ainda não sei onde hei-de ir desencantar a fada que há-de ser minha mulher.

Aqui, na freguesia, há bastante raparigas casadoiras e da forma do meu pé, mas o que não sei é se alguma estará disposta e pelos ajustes de calçar comigo!

A filha mais nova do tio Francisco do Monte, a Maria Teresa, é a que mais me convinha, pois além de ser uma cachopa robusta e sádia, é também a mais bonita e alegre destas redondezas mais chégadas.

Eu, em tempos, tentei aproximar-me dela, mas um inexplicável acanhamento impedia-me de ir mais longe do que lhe dar os bons dias ou as boas tardes.

Por várias vezes resolvi falar com ela e pedir-lhe namoro, mas sempre que a encontrava desistia do meu intento, vermelho como um tomate, com receio que ela se risse de mim como já tinha acontecido com tantos outros, devido ao seu feitio altamente trocista.

É fora de dúvida que ainda sentiria afoguear-se-me o rosto se sofresse um revés em nova tentativa com essa linda e espevitada cachopa.

Eu creio, segundo informações que me deram, que a Maria Teresa não tem agora qualquer «derricho» e, por isso, a ocasião é oportuna para eu tentar.

Como ela agora está com escrito, e amanhã é domingo, vou à missa da manhã, à que ela costuma ir também, e faço-me encontrado como quem não quer a coisa...

MONOGRAFIA DO CONCELHO

Continuação da 1.ª página

meiros recontros e na escalada dos muros da bem defendida cêrca.

Consta que foi daqui que os principais companheiros de armas de D. João I começaram a nomear-se por cavaleiros da Tabola Redonda, e ele pelo de rei Artur.

Tomado o forte castelo; e foi a única vez que foi vencido, D. João I confiscou os bens do velho alcaide, Aires Gomes da Silva, e deu-os a Mem Rodrigues de Vasconcelos e a outros seus companheiros, a título de mercê.

Mem Rodrigues corre a Braga e junta-se ao Condestável, que chegava com sua gente, de Ponte do Lima. A guarnição desta cidade logo foi obrigada a capitular.

Agora Rui Mendes e o Condestável levam a dianteira a D. João I sobre a vila de Ponte do Lima, que se dispunha a oferecer a mais desesperada resistência por Castela.

Travaram-se junto aos muros da vila os mais desesperados combates, mas o orgulhoso alcaide teve de render-se e ver confiscadas todas as suas terras, que D. João I deu, a título de mercê, a Rui Mendes de Vasconcelos.

* * *

Isto teve lugar no intervalo que o rei de Castela, descercando Lisboa, retirou-se a seu reino disposto a voltar a Portugal com um numeroso exército capaz de vencer todos os obstáculos.

Os valentes candilhos da causa nacional prepararam-se também.

Mem Rodrigues e Rui Mendes de Vasconcelos reuniram, no dizer do cronista, *uma lida companhia* a heróica e imortal *Ala dos Namorados* que, por sua honra e defesa do Reino, defendesse o lugar em que fosse posta.

Foi a ala direita nos dispositivos de batalha que os Portugueses tomaram em Aljubarrota, considerada a maior que se travou em terras de Espanha entre exércitos cristãos.

A *Ala dos Namorados* desfraldou ao vento das batalhas sua bandeira verde, da côr simbólica da esperança amorosa, nesse memorável dia 14 de Agosto de 1385, que os denodados cavaleiros esperaram com tremenda ansiedade, desafiando-se qual levaria mais longe e mais alto o grande heroísmo e valentia.

Breve foi a batalha e rápida a vitória tal foi a violência com que se encontraram os dois exércitos inimigos, *que o som dos golpes ouvia-se mui largo espaço ao redor.*

Mem Rodrigues recebeu um tal golpe com uma macha de armas na cabeça, que, caindo, foi contado entre os mortos.

Achando-o a menos, D. João I chorou-o vivamente e disse:

—*Para que é reinar, se me falta Mem Rodrigues de Vasconcelos?*

E acrescenta o cronista: *«Este sim, que era um bom Rei, pois estimava menos a Coroa que um insigne Cavaleiro.»*

Mandando procurá-lo entre os mortos para prestar-lhe as devidas honras, Mem Rodrigues de Vasconcelos, como por milagre, apareceu vivo, embora muito ferido, que, daquela pancada, ficou para sempre com a cabeça trémula.

Rui Mendes também ficou muito ferido.

Levantaram-se poemas e epopeias aos heróicos paladinos de Aljubarrota, mas bastaria Camões para imortalizá-los; nunca celebraria um herói, a quem a verdadeira e justa fama não houvesse canonizado:

«*Outro também, famoso cavaleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandá-los e regê-los,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcelos.*

(Lusiadas—conto IV-24)

Companhia de Seguros "ATLAS,"

Efectua seguros em todos os ramos. No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Snr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros

Tribuna de Vila Verde

Nota da «Tribuna de Vila Verde»

É sempre agradável para nós Minhotos e, mórmente para nós que já por oito vezes sentimos a nostalgia do nosso querido Minho, em terras de Além-Mar, sabermos o bom nome de que gozam os filhos deste rincão do Norte de Portugal, em terras estrangeiras, designadamente no país nosso irmão, onde vão labutar por uma vida melhor.

Não conhecemos Manuel José de Castro, embora tenhamos relações de muita amizade com um seu irmão. Porém, queríamos abraçar, um

dia, este ilustre Poeta e Pintor, certos de que neste amplexo fraternal, abraçaríamos muitos Poetas, Pintores e outros valores desconhecidos e dispersos por esse mundo fora que foram obrigados a deixar a sua Pátria para angariar o pão de cada dia e marcam a sua presença como Portugueses honestos em todos os continentes do mundo, onde foi levada por nós a Fé e o trabalho.

«Tribuna Livre», de Vila Verde abraça, na pessoa honrada de Manuel José de Castro, todos os Portugueses e de uma forma especial os Minhotos sidentes na Pátria Irmã.

Manuel José de Castro

O Minhoto Que Foi Outrora Enfermeiro e Relojoeiro é Hoje, Para Passar o Tempo, Pintor e Poeta Inspirado Pela Saudade de Santa Marinha de Oris, Sua Terra Natal

Terra de santos, heróis e poetas, PORTUGAL, com os seus oito séculos de gloriosa tradição, é um País que honra os seus filhos. No seu agiologio, a vida, os milagres e o martírio de seus santos, como São Francisco Xavier sacrificado nas Índias. Na sua história, Mouzinho e tantos outros heróis. Para completar a ilustre trindade, de que tanto PORTUGAL se orgulha, Camões, o genial poeta de «Os Lusíadas», o poema-monumento imperecível de sua literatura.

Santos e heróis, inesquecíveis pela musa de seus poetas, mesmo por aqueles que, jamais compulsando um tratado de fazer versos, o são por índole, como MANUEL JOSÉ DE CASTRO, natural de Vila Verde, Minho, nascido em SANTA MARINHA DE ORIS, que lá ficara, perdido entre montes, mas o que o acompanhava, em sua retina, nessa desconhecida viagem! Mais de meio século de nostalgia, isto é, cinquenta e três anos, amenizada, em 1953, com a sua vinda a VILA VERDE, onde, de novo, pisou o solo querido de ORIS, sentindo-a pulsar contra o peito pelo espaço de seis meses!

Nobres e honestas as suas actividades no Brasil. Por 25 anos consecutivos enfermeiro da Venerável Ordem Terceira do Carmo. Em contacto com a dor, animava e consolava com estoicismo os que a sofriam. Depois, faz-se relojoeiro. Pequena oficina de consertos. Enquanto o Tempo passava por ele, entretinha-se com a maquinaria complexa e delicada da profissão, a acertar as horas da vida, relógio complicado, cujo pêndulo—o coração—oferece iminente perigo quando não bate certo!

Alma emotiva, simples e boa a dêsse homem que, sozinho, dando largas a seus devaneios, se torna também pintor, sem passar por uma aca-

denia, vivendo nas suas telas aspectos característicos de PORTUGAL, de seus costumes e festas, num conjunto harmonioso de matizes que impressiona pela beleza e originalidade. Mostremos agora aos nossos leitores a outra faceta de MANUEL JOSÉ DE CASTRO que reúne, num pequeno caderno, trovas originais em que conta a sua vida de moço em Santa Marinha de Oris e outros episódios interessantes ali ocorridos. Lá estão, cantadas em versos, as

ARES PARADELA DO RIO

Paradela do Rio... Diz...

—Que não foi esquecido o primeiro aniversário deste jornal nestas paragens, e nem o devia ser. Como há muitas formas de festejar o acontecimento, nós escolhemos—de conjunto com os melhores cumprimentos aos seus dirigentes, amigos e colaboradores—auxiliá-lo na senda que se propõe trilhar, e para isso manter e desenvolver a nossa humilde colaboração, tornando-a atraente de forma a avolumar o número de simpatizantes e de assinaturas! Escolhido ficou este vasto campo de trabalho, pois é deste que o simpático semanário mais carece.

—Que ultimamente os amigos do alheio andam desenfreados nos capoeiros, nas salgadeiras e cortes—porque nas arcas de vestuário, de ouro e dinheiro, e até nos caminhos, isso já é pecha regular...

Está encarregada de lhes preparar o «menu» dos banquetes... a G.N.R. local e a de Montalegre—onde alguns já se encontram «hospedados» no incómodo «hotel de ferros».

—Que alguns dos nossos amarenses quiserem demonstrar

suas romarias, as esfolhadas do milho, as espaldelas do linho.

A sua ridente Primavera, com malmequeres outras flores e seus morangos. Os castanheiros com os ouriços prenhes a arrebentar de castanhas! As andorinhas que deixam PORTUGAL, em Outubro, acompanhando-as nessa fuga canários, rôlas, melros pousas para outras terras mais quentes!... Rapazola, salvou, por várias vezes de morrer nos poços, crianças e outras pessoas. Pegou, sem medo de ser picado, cobras que se escondiam nas luras, pela cauda, com a própria mão, arrebentando-lhes as cabeças nas duras pedras! Abnegação e bravura, louvadas por todos da freguesia, porém jamais recompensada por algum prémio! Vejamos como lembra a sua querida e inesquecível freguesia:

«É Oris Santa Marinha,
A linda aldeia do MINHO.
Tem suas casinhas brancas
Cercadas de rosmaninho.

Das janelas de minha casa
Vêem-se campos e vales.
E raparigas cantando
Para esquecer os seus males.»

Outras trovas, a viver um pigilo de reminiscências:

«Romaria da Peneda,
Bem no alto da montanha;
Onde vão gente e romeiros
Procedentes té da Espanha.»

(Continua na 4.ª página)

que o Natal em Amares é festejado só em Janeiro, mais ou menos quando as outras localidades festejam os Reis Magos!... E vieram só depois, porque... «*debaixo daquela arcada, ó minha mãe, passava-se a noite bem!*». Ai os bicharocos!...

—Que há por aqui muito boa gente que não concorda com a linguagem que está a meter-se na usança. E tem razão quem me apontou aquele «*c'est la vie!*». De facto, caros leitores, isto está tudo errado. A não ser que os estrangeiros se não adaptem tanto ao nosso idioma...

Morre uma pessoa. Há quem vá comunicar a notícia a um amigo. E logo surge o fastidioso «coitado!»... olhe, «*c'est la vie!*» E o que é mais empecilhado:—a maioria dos que empregam esta frase não sabe o seu verdadeiro significado... e muitas vezes estão dez dias a desenhar a assinatura para receber a quinzena de trabalho!... Ora, bolas! Leve o diabo paixões, mas até me

(Continua na 4.ª página)